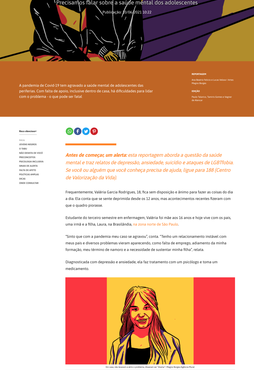

RISCO SILENCIOSO

Preconceitos criam sofrimento entre adolescentes

Publicado: 27 maio 2021

A pandemia de Covid-19 tem agravado a saúde mental de adolescentes das periferias. Com fotos de apoio a jovens dentro de casa, há dificuldades para falar com a problema - o que pode ser fatal.

Mesa diretora

Presidente
JOVENS HOMOFOBAS
LGTBIQ
Vice-presidente do SUS
PREconceitos
Secretário-geral da ONU
Secretária Quinta
Secretária Sexta
Secretária sábado
VIVA
VIDA VIBRACIONAL

ENTREVISTADO

Vera Beatriz Nogueira Cruz Menezes - Vitiligo
Vera Beatriz Nogueira Cruz Menezes - Vitiligo

EDITOR

Paula Tabacka, Sistema Estadual Vagas Saúde - SES

Antes de começar, um alerta: esta reportagem aborda a questão da saúde mental e traz relatos de depressão, ansiedade, suicídio e ataques de LGBTfobia. Se você ou alguém está com alguma dessas coisas procure de ajuda legal para 188 (Centro de Valorização da Vida)

Frequentemente, Valéria Garcia Rodrigues, 16, fica sem disposição e dorme para fazer as coisas do dia a dia. Ela corria que se sente depressiva desde os 12 anos, mas acontecimentos recentes fizeram com que o quadro piorasse.

Estudante do terceiro semestre em enfermagem, Valéria foi vítima aos 16 anos e hoje vive com os pais, uma irmã e a filha Laura, no Brasilândia. "Sofro com bullying e preconceito".

"Sinto que com a pandemia meu caso se agravou", conta. "Perdi um relacionamento mesmo com meus pais e diversos problemas surgiram apareceram, como falta de energia, advertamos de minha formação, meu término de namoro e a necessidade de sustentar minha filha", relata.

Diagnosticada com depressão e ansiedade, ela faz tratamento com um psicólogo e toma um medicamento.

A dificuldade em falar com a situação começa em casa. "Meus parentes me veem como fraca, como se eu estivesse fazendo 'drama'. Isso ajuda mil vezes a agravar meu estado".

Assim como Valéria, outros adolescentes, moradores das periferias e sucedos pela **Agência Mural**, relatam uma piora no quadro da saúde mental desde o início da pandemia do vírus coronavírus.

A situação é preocupante. A necessidade do isolamento social e a suspensão das aulas presenciais associadas à falta de políticas públicas e o aumento da desigualdade social atos precipitando o adoecendo a juventude.

JOVENS NEGROS

Entre as preocupações com a situação da saúde mental estão casos em que houve ofensas feitas por conta da doença.

Segundo a Opas (Organização Pan-Americana da Saúde) e a OMS (Organização Mundial da Saúde), o suicídio é a terceira principal causa de morte entre adolescentes de 15 a 19 anos.

Vania Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) e Organização Mundial da Saúde (OMS)

No Brasil, foi pouca estudos sobre o tema, mas o último publicado aponta que adolescentes e jovens negros têm mais probabilidade de morrerem. Os dados estão na cartilha Marcos por Suicídio entre Adolescentes e Jovens Negros, lançada pelo Ministério da Saúde em 2018.

De acordo com o estudo, a taxa de mortalidade por suicídio entre jovens e adolescentes negros entre 10 e 29 anos aumentou 12%, de 2012 a 2016, enquanto a de brancos foiu estável.

Em 2016, a cisa de morte por suicídio entre jovens e pretos era 45% maior se comparado aos brancos. A cada dez suicídios em adolescentes e jovens, aproximadamente seis ocorreram em negros, o quanto em brancos.

Procurado, o Ministério da Saúde não informou se há novos estudos sobre o tema. Já o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos disse que "se trata um artifial para buscar um diagnóstico "sobre a sociedade vivenciada por crianças, adolescentes e famílias nestes período de pandemia de Covid-19". O levantamento foi iniciado, mas ainda não foi posto para a publicação.

Entre os jovens sucedos pela **Agência Mural**, o comentário que a pandemia amplificou as dificuldades para manter a saúde mental. Além disso, os casos de depressão em casa elaboraram em um ponto a **dificuldade em falar sobre o problema e o quanto a situação não é reconhecida por pessoas próximas.**

O TABU

Também na zona norte de São Paulo, no Vila Nova Cachoeirinha, Luiz', 16, afirma que as diversas da mente ainda são vistas como um tabu por algumas pessoas. O jovem relata que é LGBTfobia a preconceituosa.

Ela comecou a ficar mais ansiosa sobre essas questões quando a mãe morreu por suicídio. Na época, Luiza tinha apenas 11 anos.

"Todos fingiam não ver o desrespeito, mas eu já percebia os sinais. No dia da morte dela, entrei no quarto e vi garrafas de bebida com uma cartela de remédio. Foi coisa de segundos, fingi para outros que não sinta olhada", relembra.

"Chamaram a ambulância, eu pensei que ficaria tudo bem e fui embora. Quando acorde e me deram a notícia, perguntei o que tinha acontecido. Disseram que foi parada cardíaca".

Vania Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) e Organização Mundial da Saúde (OMS)

Desde então Luiza vive com tois, cuja relação é conturbada, e conta que parte da familia está falar sobre depressão abertamente, o que para ela não é melhor forma de lidar com a doença.

"É mais fácil fingir que transtornos mentais não existem. Mas se as pessoas tivessem coragem para falar sobre isso problemas, muitos mortes poderiam ser evitadas."

Atualmente, ela cursa o 2° ano do ensino médio integrado com um curso técnico. No tempo livre, gosta de ver séries e escutar música, tinha fuck e pop são as grandes favoritas da adolescente.

Em 2018, ela comecou a fazer tratamento com um psicólogo, que acabou não sendo efetivo naquele momento. "Não estava alerta para conversar com ninguém". A jovem relembra que contar com o apoio dos amigos foi fundamental para se sentir melhor.

Porém, com a chegada da pandemia, a falta de contato social não só não "ajudou" e ela cogita voltar a fazer terapia.

NÃO DESISTA DE VOCÊ

Vestidos de preto, em sinal de luto, os artistas Lazz Lamamento, 30, e Renan Santoro, 32, entenderam um bandeiro onde se lê a letra "Não Desista Da Você". Com um megafone, eles disem palavras de encorajamento para as pessoas que passam.

A ação é apenas uma das realizadas por eles em comemoração do Maio Amarelo, mês criacado a prevenção de acidentes de trânsito no Brasil, e em Prevenção ao Suicídio.

O objetivo é formar uma rede de afeto entre os moradores por meio de bate papos, shows e outros eventos. Além disso, já acompanharam mais de 200 pessoas, sobretudo jovens com abalos em saúde mental.

Quem acorda ajuda é encaminhado para psicólogos parceiros e comecam a participar de encontros semanais.

Na pandemia, as conversas têm sido online e acompanham cerca de 10 jovens. "Muito além do suprir uma fome, com a entrega de cestas básicas, as pessoas querem ser ouvidas, um colo, um sorrido, um abraço", diz Lazz.

Curiosito, a pandemia afeiçoa a frequência dos participantes, mesmo nas ações feitas pela internet.

Eles entendem que a audiocia é um problema não somente relacionada a precarizacão das meios tecnológicos, mas uma característica recorrente de individuos que sofrem com a depressão **e dificuldade de se relacionar com pessoas.** "Ó eles no sítio, a contato deste lua nota diferença."

Ainda assim Renan comentou sobre a dificuldade de cuidar, cujo aecho ele vê como distante aos jovem que vivem na periferia, muitos mesmo sem ajudas de assistencia social. Esse contexto torna ainda mais empáto o serviço social e psicológico.

"Mostramos que é possível sonhar, vencer do forma digna. Mostrar que ela têm valor, são limitar e capazes de ser quem eles quisermos ser desde que alguém um caminho correto e ardua", diz Renan.

Para ela, a falta de investimento em educação nas periferias resulta em sérias questões. Uma delas é a falta de compreensão dos pais nas conversas relacionadas à discussão de gênero e, por consequência, **a ausência de uma estrutura familiar para que esse jovem possa dialogar sobre orientação sexual** e outros temas que a atravessam.

"Esse quesito afeta diretamente a saúde mental de muitos jovens. Por isso é necessário o apoio de movimentos que ajudam a acolher e aqueo instrumento de escuta, além de fortalecer os sistemas e diretos desses jovens", completa Lazz.

PRECONCEITOS

Vania Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) e Organização Mundial da Saúde (OMS) Por Vera Cruz, 17, do Jardim Lonandrade - Diego Rodrigues/Mural

Aos 16 anos, Vera Cruz decidiu se precumulcar que sofria pelo fato de ser uma jovem negra e bissexual, impactam diretamente na saúde mental dela. "Por mais que eu me force, por mais que eu tente, o ponto de partida nunca vai ser o mesmo. O olhar das pessoas já é diferente".

Ela já sentiu que foi pretendida apenas pela cor da pele em processos seletivos para emprego e já sofreu agressões físicas dentro da antiga escola por conta da orientação sexual.

"Eu sou perseguida por muitos anos por conta disso. Por isso é necessário o apoio de movimentos que ajudam a acolher e aqueo instrumento de escuta, além de fortalecer os sistemas e diretos desses jovens", completa Lazz.

"A condenadores falou que eu tinha que aprender a levar porrada, porque iz ser assim a minha dor da. Disse que ia acontecer e que eu tinha que aprender a lidar. Ás pessoas não tinham que mudar e quem tinha que mudar era eu, para poder me encaixar".

Atualmente Giovanna vive sozinha em um bairro da Brasilândia, mas os pais moram no mesmo quarto. Ela também está flagrando um curso de maquiagem e trabalha na área eventualmente. Ma ainda passado, escreve os sentidos real percepcionam.

"Se não achar bem com minha saúde mental, não consigo levantar da cama, não consigo comer nem conversar. Sinto como se não fosse eu que estivesse vivendo, que esivo só vendo o tempo passar de longe."

Giovanna fez algumas sessões de terapia, mas o valor aperteu no bolso da familia e ela teve que parar.

Esta ano, ela sente melhor, mas conta que se tivesse oportunidade financeira continuaria fazendo o acompanhamento, principalmente pelas inspeções geradas pela pandemia.

Alguns grupos criados nas periferias têm trabalhado para dar esse acolho.

PSICOLOGIA INCLUSIVA

Os psicólogos Ana Alcuquerque e Douglas Filho são fundadores e diretos da organizatrico do Centro Bastidi, organização que busca democratizar o cuidado com a saúde mental, com ênfase em questões raciais, de gênero e orientação sexual.

Atualmente no Bela Vista, no centro de São Paulo, onde fica o projeto, Ana cresceu na zona norte da capital, em Pirituba, e Douglas, no Parque Santo Antônio, na zona sul. Eles apontam diferenças nas pessoas solitidas pelos adolescentes que evam nas periferias em relação aqueles da bairros mais ricos.

"Jovens lás periferias/ precisam trabalhar, pagar as contas, a familia passando por dificuldades e se concentrar a noite no estudo? Ainda mais na online, onde muitas vezes a internet oscila muito. Isso tem a ver com a pobreza."

Atualmente, dos 562 clientes atendidos pelo Centro Bastidi, 577 pagam valores vacuas (mais baixos) e 281 (exatamente valores simétricos (bem próximos de pratadas) ao tratamento gratuito).

Aquelas que pagam o valor "normal" (próximo a tabela do Conselho Federal de Psicologia entre R$ 165 a R$ 281 por consulta) ajudam a manter a gratuidade para quem mais precisa. Ocorre a preferência eles perceberam que a procura por ajuda psicológica aumentou. São mais de 480 pessoas na fila de espera para atendimento na clínica.

"Ainda vemos a exclusão no espaço psicoterapêutico", comenta Douglas.

Ana diz desse jeito que todo o preeno periférico que passam por psicoterapia no Centro Bastidi que aquele é um espaço para pensar seus direitos e escutas, porque até pois, por vezes, é negado.

VEJA TAMBÉM:
Medo ocupativo chocam racismo e atende moradores nas periferias
Psicólogo indicam estimas em casa e novas tarefas para a terceira idade

Na mesma linha do Centro Bastidi, o grupo Periferiablue, criado há três anos, em São Paulo, vive bem da capital ainda. A em cobre formado por adolescentes.

O grupo se propõe a aprenderem e pacientes das regiões periféricas, e vice-versa, de modo que seja mais acessível para pessoas interessadas em se tornar psicoterapeutas.

Eles negociam o preço da consulta caso a caso e weem o trabalado feito como uma politica. "É uma ação que não pretende ocupar o vazio do Estado, mas provocar com que outras garantias sejam previstas no campo das politicas públicas de saúde mental", afirma.

O grupo afirma que busca identificar questões raciais, de gênero e orientação sexual, pois esses vivéricos marcam as pessoas e se traduzem em sofrimento e exclusão social. "Nossa experiência com adolescentes nos baseia pontos mostrou que a desigualdade social agora agravosamente na vida periférica", acrescenta.

As profissionais do Periferiablue dizem que a adolescência é um período de desenvolvimento humano que coloca a pessoa frente à incertezas de uma vida adulta e o tudo pela perda do corpo infantil, o que gera angústia nesta período de transição.

O coletivo diz que há diversos sinais do corpo que podem indicar a necessidade em procurar ajuda, como choro intenso, falta de sono, angústia e pensamentos suicidas.

SINAIS DE ALERTA

FALTA DE AFETO

Em Sapopemba, na zona leste de São Paulo, o adolescente Felipe, 17, lembra que já fora deprimido por um ano inteiro. "Não entendi porquê", conta. Depois que ela entendeu e curatizar isso de melhor forma possível".

Felipe é grato e diz que em dos problemas é que essa questão não tem muita visibilidade, mesmo com a necessidade de tratamento e acompanhamento psicológico.

"Tive que lidar com isso sozinho desde cedo. Pela ausência de apoio. A falta de um abraço, de um afeto materno e pessoal nesse sentido emocional. Não tive isso e não sou único".

Ele participou do projeto "Não Desista de Você", cidade acima, mas sentiu que a pandemia sofreu o bastar acaso. Apesar disso, ele ressalta que a ação teve seus frutos e barreiras que precisam ser quebradas, mas afirma estar mais bem.

Felipe contou que, com o tempo, conseguiu a entender melhor o problema e ter certeza da necessidade de buscar ajuda. Hoje ele consegue falar sobre seus medos e barreiras que precisam ser quebradas, mas afirma estar mais bem.

convicto. "Tudo tem seu tempo"

"[Essa reflexão] trouxe a tona muita coisa pra eu parar e pensar, eu tenho que voltar a fazer terapia agora", relembra. "Se não, sinto que vou perder o controle da situação".

POLÍTICAS AMPLAS

Os problemas que afetam a saúde mental de jovens das periferias já estavam presentes antes da pandemia. O sofrimento e o medo constante de morrer sempre foi uma realidade para uma boa parte da população. É nesse ponto que os projetos realizados por moradores dos bairros mais pobres têm enfatizado.

Com pós-doutorado em Saúde Coletiva, coordenadora do NEGAS (Núcleo de Estudos em Saúde e Gênero) e pesquisadora de questões sociais em favelas e periferias, Nilza Rogéria de Andrade Nunes afirma que os projetos são importantes, sobretudo pela identificação deles com seus pares.

Eles conhecem o racismo, o machismo e problemas estruturais de desigualdade social, que levam à fome e ao desemprego. Apesar de apoiar essas iniciativas, ela diz que o trabalho da sociedade vai além.

"Precisamos reconhecer, valorizar e apoiar [esses projetos], mas devemos brigar por políticas amplas e irrestritas, mas quem tem que dar conta deve ser o Estado, e não a sociedade civil", explica.

Pela falta de estratégias pensadas nesse período, Nilza diz que o futuro é perverso para essa faixa etária que pode completar o segundo ano consecutivo sem fechar o ciclo escolar.

Isso pode levar a dificuldade no mercado de trabalho, precarização de médio e longo prazo. "Você passa e quem está nas bicicletas [em aplicativos de entrega] são meninos muito jovens. Existe um fosso de acesso a trabalhos com mais garantia", completa.

E o jovem Renan, do Não Desista de Você, sabe muito bem o que significa, na prática, esse futuro perverso, repleto de incertezas e poucas escolhas. "Não existe opção de escolher entre pagar uma faculdade, fazer um curso profissionalizante ou comprar algo para comer".

"A necessidade te obriga a buscar como alimentar a família."

DICAS

No Em Quarentena, podcast da Agência Mural, ouvimos psicólogas sobre como ajudar a manter a saúde mental na pandemia.

ONDE CONSULTAR

Para quem procura algum atendimento voltado à saúde mental, é possível consultar o CAPS (Centros de Atenção Psicossocial) ou a UBS mais próxima por meio do Portal Busca Saúde, da Prefeitura da capital, disponível no link: http://buscasaude.prefeitura.sp.gov.br/

As UBS oferecem o atendimento de escuta por meio do acolhimento e, caso haja necessidade de atendimento especializado, este se dará em serviço adequado à demanda.

No caso dos serviços dos CAPS são destinados ao atendimento de pessoas com transtornos mentais severos e persistentes, e ao acolhimento das situações de crise. A pasta informa que as unidades possuem atendimento multiprofissional, e não é necessário encaminhamento ou agendamento prévio.

← Privatização do Parque São Bartolomeu preocupa moradores e causa mobilização

Pretas e pobres, prostitutas se arriscam em meio à pandemia →

CREDIBILIDADE

Saiba mais
Declaração de diversidade de vozes
Política de ética
Política e prática de correções
Princípios
Doadores

PARCEIRO FINANCIADOR

OPEN SOCIETY FOUNDATIONS

COLABORE COM A AGÊNCIA MURAL

Apoie
Participe
Republique

ENTRE EM CONTATO

Quer falar com a nossa redação?
Clique aqui e conheça nossos canais.

SIGA-NOS

INSTITUCIONAL

Acontece Mural
Política de Privacidade

A AGÊNCIA MURAL INTEGRA O

The Trust Project

MEMBRO DA AJOR ASSOCIAÇÃO DE JORNALISMO DIGITAL

Tijolo por tijolo construímos um jornalismo independente feito pelas e para as periferias.